

EXPOSIÇÃO E PÚBLICO NO MUSEU DE ARTES E OFÍCIOS/MG

Cláudia Eliane Parreiras Marques Martinez

cepmarques@uol.com.br

Busca-se neste artigo analisar alguns aspectos que envolvem a história do Museu de Artes e Ofícios/MG (MAO) e a exposição de longa duração revelada ao público em 2006. Também é objetivo apresentar aqui os resultados preliminares de uma pesquisa efetuada com quase quinhentos usuários do Metrô de Belo Horizonte, em particular, na plataforma de embarque da Estação Central. Uma das justificativas apresentadas pelo museólogo, Pierre Catel, para a ocupação do prédio da Estação Central é que naquela localização poder-se-ia contar com “um público potencial de um milhão de visitantes por ano chegando pelo metrô”. Nesse sentido, a pesquisa buscou, sobretudo, entender a relação que se estabelece, na atualidade, entre o usuário do metrô e o Museu.

Palavras-chave: Museu de Artes e Ofícios/MG, Usuário do Metrô de Belo Horizonte, Memória; História.

INTRODUÇÃO

Tendo em vista o cenário multifacetado, fragmentado e dinâmico assumido pelos museus a partir da segunda metade do século XX busca-se neste artigo analisar alguns aspectos que envolvem a história do Museu de Artes e Ofícios/MG (MAO) e a exposição de longa duração exposta ao público desde 2006. Também é objetivo apresentar aqui os resultados preliminares de uma pesquisa efetuada com os usuários do Metrô de Belo Horizonte, em particular, na plataforma de embarque da Estação Central. A percepção e a interação que os usuários do metrô (potenciais visitantes museu) estabelecem (ou não) com a instituição museal foram alguns pontos observados na pesquisa de campo.

Esse trabalho faz parte de uma pesquisa mais ampla desenvolvida na Universidade Federal de Minas Gerais, no Museu de Artes e Ofícios e na Companhia Brasileira de Trens Urbanos.¹ Os resultados preliminares destacados neste artigo permitem nuançar, questionar e compreender melhor a justificativa principal da ocupação do edifício em estilo neoclássico, construído no começo do século XX. As palavras de um de seus idealizadores, o museólogo Pierre-Yves Catel, são exemplares neste sentido:

*A primeira questão que nos colocamos foi sobre o porquê de fazer o Museu de Artes e Ofícios num lugar como esse, uma estação de metrô. E queríamos entender o pensamento de Angela Gutierrez, que nos havia proposto fazer o projeto. É verdade que aqueles prédios não são apropriados para a criação de um museu. Museologicamente, não é um espaço ideal, ele impõe diversos problemas, mas o que levou à decisão foi sua situação privilegiada no que diz respeito ao público: **graças a sua localização, contamos com um público potencial de um milhão de visitantes por ano, chegando pelo metrô.** (Catel, P. Seminário de Capacitação museológica, p. 48, 2004, grifos nossos)*

Diante disso, um conjunto de problemáticas comuns e complementares orientou o trabalho desenvolvido nestes dois espaços – museu e o metrô. É possível fazer uma leitura da exposição relacionando-a com a escrita da história? E se sim, como é possível identificar na expografia os vários discursos e linguagens presentes na história do final do século XX e início do XXI? É pertinente pensar o museu, espaço de excelência de objetos históricos e artísticos, como uma *plataforma de observação*, marcada por forte visualidade? Qual a relação entre acervo museológico e a visualidade concebida por meio das exposições de longa duração ou aquelas de caráter temporário? Qual o papel, ou melhor, quais as mensagens político-culturais – se é que existe alguma – por trás dos acervos e das imagens produzidas? Partindo do pressuposto que existe uma identificação da sociedade com esses espaços, como essa relação se dá concretamente? Como a sociedade, em geral, percebe e faz uso das representações criadas pelos acervos e exposições? Como as representações da antiga estação ferroviária, hoje espaço musealizado, atuam, interferem e dialogam com os discursos produzidos sobre a cidade de Belo Horizonte? Se a gestão do museu está diretamente relacionada ao bem cultural questiona-se, por fim, como se dá a relação entre patrimônio, equipamento cultural e o seu entorno (comércio, transeuntes, vizinhos, usuários do metrô e a própria cidade de Belo Horizonte).

Dentro desse rol de questões levantadas no projeto original vamos estabelecer para esta comunicação um recorte temático e metodológico. Teremos como preocupação central a relação que se estabeleceu entre o público que circula pela Estação Central, o espaço museal e sua coleção. Para tal empreendimento, tornou-se preponderante apresentar ao leitor, mesmo que preliminarmente, alguns aspectos da história que envolve a edificação, a criação e a gestão do Museu para, finalmente, apresentar alguns resultados da pesquisa efetivada na plataforma da Estação Central do Metrô de Belo Horizonte.

TRÊS MOMENTOS DE FORTE IMBRICAÇÃO CULTURAL: A CIDADE, A ESTAÇÃO, O MUSEU

O fato do edifício, que acolhe hoje o MAO, ter sido construído, inicialmente, para abrigar a estação ferroviária de Belo Horizonte é um ponto importante e não pode ser negligenciado. Por outro lado, não se pode esquecer que a cidade, inaugurada em 1897, foi concebida e planejada com propostas específicas e o MAO, em 2006, também foi organizado tendo critérios específicos projetados e pensados por um grupo de pesquisadores, profissionais de diversas áreas de conhecimento e atuação. Cada um desses setores sociais, a seu modo e a seu tempo, atuou na construção de uma memória e de uma identidade singular. O MAO nasce com uma pretensão bem ambiciosa, a de perpetuar e divulgar, entre outras questões, uma memória ligada ao universo dos ofícios e das artes mecânicas do passado brasileiro. É preciso ressaltar que a exposição que ocupa os dois prédios – conhecidos como o lado A e o lado B – é composta por coleções de forte peso cultural,

tanto quantitativamente como qualitativamente, e dificilmente deixam de encantar o público-visitante.

Além de uma coleção significativa, em termos históricos e simbólicos, nota-se que a edificação do museu constitui igualmente veículo imagético de grande impacto cultural na cidade (como demonstra a figura 1). De antiga estação ferroviária transformou-se, ao longo do tempo, em espaço musealizado com ampla identificação com a identidade e com a memória urbanas. Tendo consciência desse fato, os materiais produzidos e divulgados pelo museu estão carregados de símbolos, alegorias e marcos históricos que procuram explorar a arquitetura do prédio relacionando-a não só com a história da cidade, mas também com o estado de Minas Gerais e com o Brasil.

Tanto a CBTU (Central Brasileira de Trens Urbanos) quanto a Ferrovia Central do Brasil que, também, passa ao lado do Museu são referências regionais e nacionais de grande importância para a história do transporte de mercadorias, do fluxo e circulação de pessoas não só da cidade de Belo Horizonte, mas também de diferentes partes do Brasil como pude constatar na pesquisa realizada no período de 2013 a julho de 2014.

FIGURA 1: MUSEU DE ARTES E OFÍCIOS



Fonte: www.mao.org.br

Vejamos alguns aspectos da história da Estação Central do antigo Curral Del Rey, implantada em 1895, dois anos antes da inauguração da nova capital mineira. O primeiro prédio foi demolido poucos anos depois da construção, dando início, nas primeiras décadas do século XX, ao

edifício atual, em estilo “ecletico” e com influência neoclássica, como se pode observar tanto da figura 1, como em sua representação no prato² que hoje faz parte do acervo de outra instituição, o Museu Histórico Abílio Barreto/MG, (ver figura 2). Depois de ampla adaptação e restauração, concluída em 2005, a antiga estação ferroviária de Belo Horizonte passou a abrigar o maior conjunto de objetos e artefatos relacionados ao tema das artes e ofícios no Brasil.³

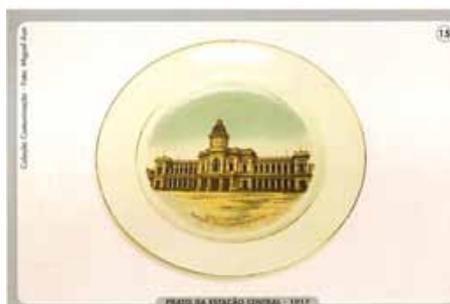
O prédio ferroviário, ao se transformar em museu, permite refletir sobre o seu papel/função desempenhado no passado e na atualidade. A partir da segunda metade do século XX, as estações ferroviárias brasileiras gradativamente perderam sua função de transporte público e de meio de escoamento da produção agrícola. Com a popularização do “automóvel”, e o concomitante desinteresse político-econômico por parte do Estado brasileiro, os antigos edifícios constituem agora *representações* de um passado. Suas imagens são encontradas e, principalmente, comercializadas, por meio de cartões postais, álbuns de figurinhas para crianças e *souvenirs* como denota a imagem de uma caneca, com o logotipo do museu, vendida na lojinha da instituição e selecionada aqui entre muitos outros exemplos (Ver figura 3). De peças funcionais a artefatos decorativos e simbólicos esses objetos – pratos, canecas, jogos de xícaras, chaveiros, camisetas, blocos de anotações, cartões postais, cadernos, bolsas, sacolas etc... – podem ser adquiridos na lojinha do museu.

O prato decorativo com a imagem do prédio da Estação Central (hoje, Museu de Artes e Ofícios/MG), acervo do Museu Histórico Abílio Barreto/MG, constitui um caso inusitado. Segundo as informações extraídas do “Álbum do MHAB”,⁴ a peça integra um conjunto de outros cinco pratos fabricados, na Holanda, por Petrus Regout e Comp. Masstrich, em 1917, a pedido de José Ribeiro, proprietário da Casa Crystal. A louça foi adquirida pelo Museu Histórico Abílio Barreto em novembro de 1944, diretamente desse estabelecimento comercial.

O curioso dessa história é que além de atravessar o oceano – da Holanda para o Brasil – deixou de ser um objeto decorativo para converter-se em parte integrante do acervo de outro museu que não o representado na peça. Além de ser retratada numa das figurinhas do álbum destinado a “contar”, para um público jovem, a história da ocupação e da inauguração da nova capital mineira, no final do século XIX, a peça integrou a exposição do Museu Histórico Abílio Barreto alguns anos atrás.

Diferentemente do prato de origem holandesa – objeto raro e singular do acervo MHAB –, as diversas peças de louças decorativas disponíveis na lojinha do Museu de Artes e Ofícios materializam, de outra forma, a imagem do museu e os símbolos que o acompanham. O visitante, ao adquiri-la, leva consigo não só o objeto, mas o que ele simboliza: o ato de lembrar, que eterniza aquele momento ou situações carregadas de afetividades vividas com amigos e familiares.

FIGURA 2: PRATO DECORATIVO COM IMAGEM DA ESTAÇÃO CENTRAL, EM BELO HORIZONTE, 1917



Fonte: Álbum de Figurinhas do Museu Histórico Abílio Barreto/MG, 2003.

FIGURA 3: CANECA DECORATIVA COM O LOGOTIPO DO MAO, 2014



Fotografia: Cláudia Martinez, 2014.

É preciso destacar que o Museu de Artes e Ofícios em sua inauguração, em 2006, marca e, ao mesmo tempo, o define como o primeiro empreendimento museológico brasileiro dedicado integralmente ao tema das artes e dos ofícios e do trabalho no Brasil. Com uma extensão aproximada de 9.000 m² de área, a instituição ocupa os dois prédios históricos da Estação Central.⁵

O museu foi fundado por iniciativa do Instituto Cultural Flávio Gutierrez – ICFG. A doação ao patrimônio público de uma coleção de mais de 2.147 peças, dos séculos XVIII ao XX⁶ constitui o acervo principal da instituição e hoje a coleção está tombada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN. O conjunto de objetos permite compor um (ou vários) quadro(s) dinâmico(s) da história e das relações sociais do mundo do trabalho. O projeto do arquiteto e museólogo francês Pierre Catel teve como objetivo ocupar os dois prédios da Estação Central aproveitando tanto as áreas internas como a externa, próxima ao embarque e desembarque de passageiros.

A instituição possui também um jardim, restaurante/cafeteria, espaço para eventos, áreas de convivência, além de uma loja, como já referido aqui, com produtos que trazem (sempre) a imagem do museu e/ou do seu acervo. O diferencial é que a instituição passou a conviver, e essa foi a justificativa principal para ocupar aquele espaço, simultaneamente com a estação de metrô, que

atendeu só no mês de junho deste ano cerca de 524.510 mil usuários, segundo os dados coletados na CBTU.⁷ Vejamos, agora, como se dá de fato a relação estabelecida entre o usuário do metrô e o Museu de Artes e Ofícios.

A EXPOSIÇÃO, O EDIFÍCIO E O PÚBLICO/USUÁRIO DO METRÔ

Ao visitar os corredores e as salas de exposição do MAO descortina-se uma coleção de caráter histórico e artesanal e é a partir dessa plataforma de observação que o visitante e/ou pesquisador entra em contato com os objetos ligados ao mundo do trabalho. As centenas de artefatos permitem uma associação direta com a memória e tudo que ela implica em termos de sentimentos, lembranças e esquecimentos (NORA, 1993). Os objetos estão (dis)expostos e classificados segundo seus ofícios e divididos em oficinas e salas (marcenaria, carpintaria, sapataria...) de modo que o público, ao percorrer os longos corredores, é levado a apreciar, contemplar e lembrar das profissões antigas, muitas delas identificadas com sua própria história ou de seus antepassados.

Nesse sentido, não podemos deixar de mencionar a classificação proposta por Myriam Sepúlveda dos Santos quando ela se refere aos seus dois tipos: o museu-memória e ao museu-narrativa (SANTOS, 2006). Seguindo a classificação de Santos podemos dizer que memória presente no MAO suplanta qualquer tentativa de estabelecer naquele espaço uma narrativa histórica. A própria exposição – fruto de uma coleção adquirida durante décadas pela família Gutierrez – e a criação da instituição para abrigar esses objetos sinalizam o poder que a memória adquiriu naquele recinto. A temporalidade construída na/pela expografia é descontínua e pontual, os artefatos acabam assumindo a função de meras alusões ou amostras do passado e não representações possíveis de uma realidade histórica.

Vejamos essa questão por outro ângulo. Das centenas de depoimentos deixados no Livro de Visitante os casos do Sr. Josué e Dona Nilce atestam, a exemplos de tantos outros, o poder que os objetos emanam. Os artefatos dispostos e organizados segundo suas categorias de ocupações despertam no visitante sentimentos e emoções; muitos deles um dia fizeram parte de suas vidas ou de seus antepassados.

Achei espetacular é um museu muito importante pela quantidade e perfeição dos objetos antigos. Trabalhei com alguns deles na agricultura.

Josué Guido de Oliveira

Natural de Ribeirão Vermelho/Minas Gerais (12/04/2013)

Um espaço de extrema importância. Fiquei deslumbrada com tudo que vi. Foi um verdadeiro passeio pelo passado. Lembrei-me de muitos objetos das casas de minha infância, avós e bisavós etc.

Nilce Maria P. O. Machado. (DN) 19/04/1960

Natural de Cássia/Minas Gerais (12/04/2013)

O leitor pode estar se perguntando qual o problema deste tipo de expografia ou proposta museológica? Ou, ainda, os sentimentos despertados nos visitantes, que ao (re)verem os objetos depositados emocionam-se e são tomados pelas lembranças individuais ou coletivas, não seriam tidos como algo positivo e desejável? Em certo sentido, mas só isso não é suficiente. O que estamos tentando chamar a atenção é para o outro lado da moeda.

O museu que prioriza a memória e detrimento da história traz implícito nessa relação algumas suas armadilhas. A advertência que estamos chamando a atenção, a título de contribuição, é que em meio a tantos objetos e artefatos o sujeito histórico acabou sendo ofuscado ou mesmo esquecido. Se a ideia de nomear e homenagear indivíduos específicos das sociedades, muito comum nos Museus Históricos, foi duramente criticada pela historiografia – a história dos heróis, dos pioneiros, daqueles que se destacaram na política local – o contrário também me parece problemático. Ou seja, o anonimato completo acaba suprimindo do objeto as inferências e imbricações com outras esferas da existência, inclusive a humana. (CARVALHO & LIMA, 2005)

Seria importante resgatar de onde vieram aquelas peças, os lugares, a analogia que tinham com seus antigos proprietários. Claro, que essa tarefa para todo o acervo seria impossível, não só para o MAO, mas para os museus em geral. Mas o esforço em resgatar a história do artefato – com pelo menos parte do acervo – poderia sim enriquecer a discussão, a exposição e, mais que isso, poderia humanizar as centenas de peças que compõem a coleção.

Poder-se-ia, a partir disso, perguntar como o MAO lida, então, com a questão do sujeito histórico? E a instituição se dá esse trabalho. Para falar dos homens e mulheres – de forma geral e anônima – o museu recorre, quase sempre, à tecnologia e aos recursos de multimídia. Se a coleção é significativa, e disso não há dúvidas, temos consciência que os documentos não falam por si mesmos (BLOCH, 2002). Nós é que falamos por eles, criando discursos, narrativas e interpretações. São os historiadores/pesquisadores que têm a responsabilidade de (re)construir e interpretar a história dos indivíduos e não imputar aos documentos/objetos essa função; nunca devemos nos esquecer que as peças (de madeira, tecido, vidro, cerâmica etc...) são apenas suportes, base imprescindível para a construção da narrativa. Os artefatos dispostos na antiga plataforma do metrô em alguns momentos parecem cristalizados no passado é como se bastasse observá-los para que a história se fizesse.

Para dialogar com a contemporaneidade – e o Museu tem essa preocupação – recorre à ação educativa. É por meio dela e, também, dos vídeos e dos totens que a instituição procura (re)estabelecer a relação passado/presente, bem como a conexão entre o material (objeto) e o humano (sujeito histórico). Como se pode perceber são recursos indiretos e não advindos da própria exposição.

Vejamos alguns exemplos. No saguão principal o visitante tem acesso a várias informações

do museu, da coleção e do prédio por meio dos recursos de multimídia. Em geral, o visitante se depara com a fala/discurso daqueles que participaram direta, ou indiretamente, da concepção e montagem do museu, como é o caso da diretora da instituição e do museólogo Pierre Catel.

Em um desses equipamentos, localizado próximo à entrada que dá acesso ao primeiro edifício, o visitante ao tocar a figura de uma plaina ou de um avental de curtume, por exemplo, depara-se com a seguinte fala da diretora

Quem nunca teve, ao observar algum trabalhador, a impressão de não ser mais capaz de dizer onde termina o corpo e onde começa a matéria prima e ferramenta. (...) Na longa relação entre este avental de curtume e a pessoa que o usou constantemente a vida inteira quem fez o que, quem moldou, foi moldado, o corpo moldou o objeto ou foi o contrário. (Depoimento de Angela Gutierrez extraído do totem da entrada principal do MAO)

Se a história que envolve a criação do MAO permite nuançar, por exemplo, conceitos que envolvem a noção de museu, memória e exposição foi por meio da pesquisa de campo que estas e outras questões puderam ser melhor descortinadas. Durante o primeiro semestre de 2014 realizamos 461 entrevistas com os usuários do metrô. A elaboração das perguntas teve como diretriz principal o público que circula e utiliza (diariamente ou esporadicamente) a Estação Central e, por esse mesmo motivo, estabelece uma relação direta e simultânea com Praça da Estação e o Museu.

Optou-se por formular dois núcleos de questões, a primeira de caráter socioeconômico, tais como: sexo, idade, profissão, escolaridade e frequência que a pessoa utiliza o metrô. O segundo núcleo refere-se às informações que permitem entender a relação do espaço do metrô com o museu e dentro delas destaca-se: 1) Você sabia que na Praça da Estação existe um museu – o Museu de Artes e Ofícios? 2) **Se sim**. Você já teve a oportunidade de visitar o Museu? 3) O que você mais gostou nesta visita? 4) **Se não**. Qual o motivo pelo qual ainda não visitou o Museu?

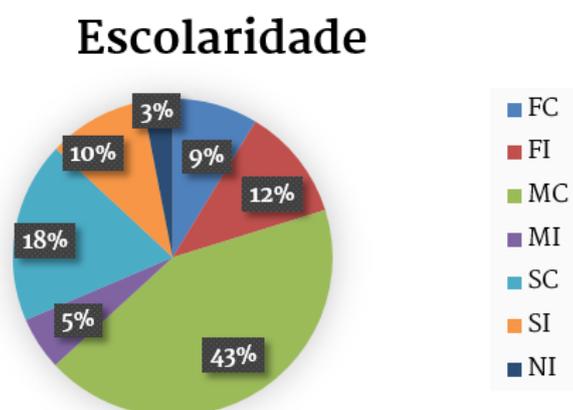
Para a execução da pesquisa dentro da plataforma do Metrô foi necessário a autorização da CBTU que permitiu realizar a atividade em dois períodos do dia; de manhã (09:00 às 11:00) e no período da tarde (16:00 às 18:00). Durante os meses de maio, junho e julho estivemos presentes na estação nestes dois intervalos aplicando os questionários e entrevistando as pessoas. Os resultados apontaram que 58% dos usuários são constituídos por mulheres e que a média de idade gravitou em torno de 36 anos. A maioria de mulheres encontradas em relação aos homens, embora não tão discrepante, pode estar relacionada aos horários que os questionários foram aplicados, sempre no meio da manhã e no final da tarde. Se tivéssemos oportunidade de aplicar esse mesmo questionário em outros horários, por exemplo no período noturno esses resultados poderiam apresentar diferenças.

Quanto ao uso do metrô, quase 58% utilizam os trens diariamente e 42% esporadicamente (ou seja, de 1 a 3 vezes na semana). Como a linha do metrô não atravessa e abrange toda a cidade,

as pessoas acabam tendo que utilizar, também, o transporte de ônibus, o que vem reforçar a necessidade da ampliação dos trens/metrô em Belo Horizonte.

A escolaridade foi um dado que revelou uma situação relativamente nova no país. Não me deparei com nenhum analfabeto. Do total entrevistado 43% tinham ensino médio completo, 18% superior completo e 10% estavam cursando a Universidade. Embora não suficiente, pois 12% da população entrevistada não havia concluído o fundamental completo, ainda assim, esses dados denotam alterações positivas no nível de escolaridade no Estado, como aponta o gráfico abaixo.

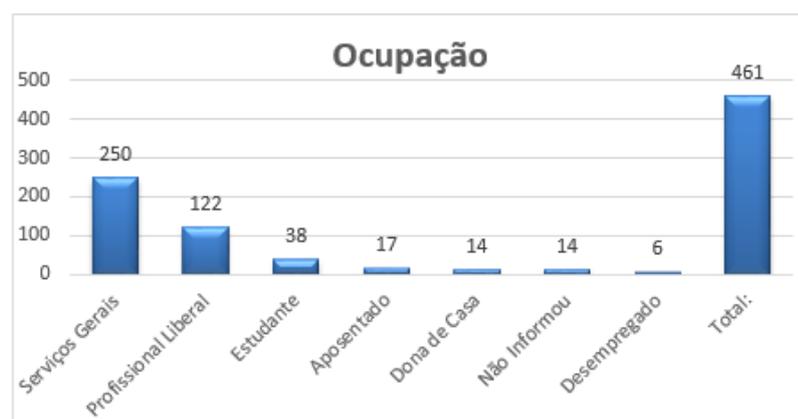
GRÁFICO 1: ESCOLARIDADE DOS USUÁRIOS DO METRÔ



Fonte: Questionários aplicados pela autora na Estação Central do Metrô de BH, 2014

As ocupações identificadas por terem uma grande variedade foram agrupadas seguindo informações disponibilizadas pelos usuários e, também, pelo site do Ministério do Trabalho.⁸ Como era de se esperar, serviços gerais (domésticas, operários da construção cível, cozinheiro, diaristas etc....) demandou 54% do total de ocupações registradas.

GRÁFICO 2: OCUPAÇÃO POR CATEGORIA DOS USUÁRIOS DO METRÔ



Fonte: Questionários aplicados pela autora na Estação Central do Metrô de BH, 2014

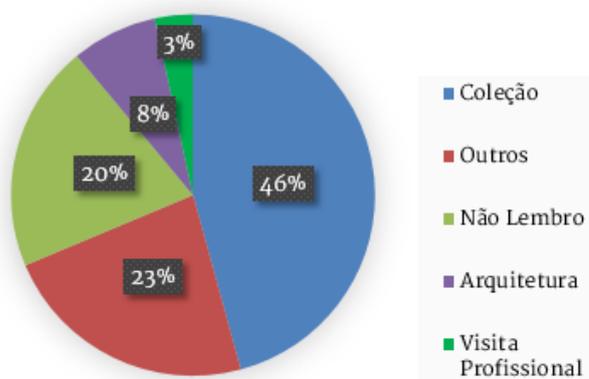
Cabe aqui retomar a problemática central desse trabalho e que deu início às nossas pesquisas. O discurso que orientou a ocupação do edifício da antiga Estação do Metrô foi exatamente o grande fluxo de trabalhadores que circulam diariamente pelo metrô. E, por esse motivo, esses homens e mulheres estariam em contato mais direto com o Museu, um espaço que tem como acervo, coleção e exposição objetos relacionados ao mundo do trabalho e das atividades manuais e mecânicas do passado brasileiro. Ao perguntar aos usuários do metrô se eles sabiam da existência do Museu de Artes e Ofício, 80% disseram que sim. Mas quando perguntei para aqueles que sabiam da existência do metrô se já tinha tido a oportunidade de visitá-lo, apenas 25% afirmaram que sim.

Dos que visitaram procuramos identificar o que eles mais gostaram. A coleção, como era de se esperar representou 46% da preferência, mas quase 10% das pessoas apontaram a arquitetura do prédio (Ver o gráfico 3). Um dado interessante de se observar é que 20% das pessoas não se lembravam mais do que tinham visto no museu e 3% foram ao museu para participar de palestras, fotografar noivas, fazer cursos e não se interessaram, ou não tiveram a oportunidade, naquele momento de conhecer a exposição.

Queríamos entender também porque as pessoas nunca quiseram visitar o museu, já que passam pela plataforma do Metrô diariamente. As respostas dispostas no gráfico indicaram o seguinte: 34% “não tem tempo”, 20% “não possuem interesse”, 11% “falta de oportunidade”, 28% “não sabiam que ali existia um museu” e 6% por outros motivos. Podemos interpretar a falta de tempo, interesse e oportunidade, que somam mais de 80%, como uma única variável, ou seja, falta de interesse. E, entre as explicações possíveis, podemos aventar para o fato de que no Brasil os museus não são, ainda, considerados, espaços de lazer, como, por exemplo, cinemas e teatros. (POULOT, 2013)

GRÁFICO 3: PREFERÊNCIA NA VISITA REALIZADA AO MAO

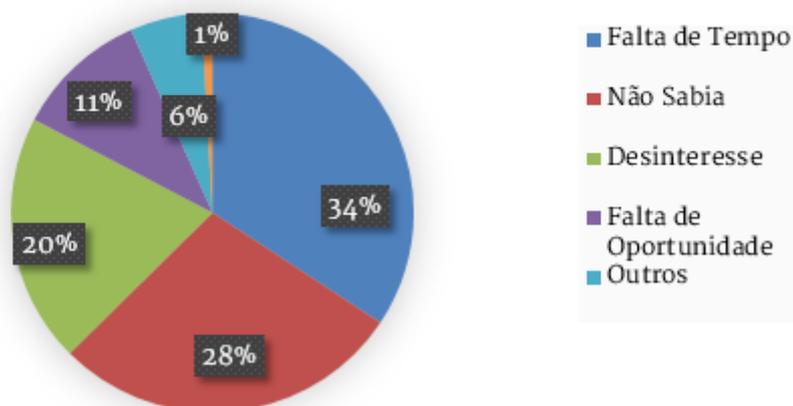
O que você mais gostou nesta visita?



Fonte: Questionários aplicados pela autora na Estação Central do Metrô de BH, 2014

GRÁFICO 4: MOTIVO DA NÃO VISITA AO MAO

Se não. Qual o motivo pelo qual não visitou o museu?



Fonte: Questionários aplicados pela autora na Estação Central do Metrô de BH, 2014

Não pretendemos construir aqui uma conclusão, pois, nossa intenção maior é justamente poder discutir com especialista e interessados na temática de museus os primeiros resultados de uma pesquisa recém finalizada na Universidade Federal de Minas Gerais e na Universidade Estadual de Londrina/Pr. Como se pôde perceber, os procedimentos metodológicos para o desenvolvimento deste estudo envolveram pesquisa de campo, observação direta, análise das exposições, coleções e objetos.

Embora ainda não tenha sido possível averiguar integralmente os resultados do projeto de pós-doutorado finalizado em julho deste ano as problemáticas elencadas aqui serviram de guia e nortearam o trabalho. Esperamos, também, que a informações previamente analisadas possam suscitar outras tantas que possivelmente não foram aqui aventadas.

NOTAS

¹ Este trabalho faz parte da pesquisa de pós-doutorado realizada na Universidade Federal de Minas Gerais sob a supervisão do Prof. Dr. José Newton Coelho Meneses. O projeto intitulado - Patrimônio cultural e memória: mediações e intersecções entre dois museus brasileiros: Museu de Artes e Ofícios/MG e o Museu Histórico de Londrina/PR - consiste em estudar comparativamente esses dois museus brasileiros. As mediações foram pensadas em função da própria história das instituições e do processo de musealização das antigas estações ferroviárias de Belo Horizonte e de Londrina, que constituem hoje os referidos museus.

² Segundo informações do Álbum do MHAB, “a peça integra um conjunto de outros cinco pra-

tos confeccionados na Holanda, por Petrus Regout e Comp. Masstrich, em 1917, a pedido de José Ribeiro, proprietário da Casa Crystal. Foi adquirida pelo Museu Histórico Abílio Barreto em novembro de 1944, diretamente desse estabelecimento comercial”. Ver Álbum do MHAB, que pode ser adquirido na loja desse Museu.

³ Ver o site do Museu de Arte e Ofícios: <http://www.mao.org.br/>

⁴ Esse trabalho se dirige, essencialmente, ao público jovem. Em visita ao MHAB, em 2008, pudemos presenciar um grupo de adolescentes que entusiasmadamente comprava o material na loja do Museu e, de imediato, iniciava o trabalho de identificação das figurinhas e legendas, fazendo comentários a respeito da história e do tema do álbum sobre a criação e transferência da capital mineira de Ouro Preto para Belo Horizonte, em 1897.

⁵ Ver as referências encontradas no site do museu bem como os livros e demais materiais produzidos pelo MAO. (www.mao.org.br).

⁶ Criado em 1998, o ICFG é uma entidade do terceiro setor, sem fins lucrativos, atuando especialmente em projetos museológicos e museográficos, tais como o Museu do Oratório, o Museu de Artes e Ofícios e mais recentemente com a criação do Museu das Santanas na cidade de Tiradentes.

⁷ Podemos realizar no primeiro semestre de 2014 uma pesquisa na Companhia Brasileira de Trens Urbanos (CBTU). A equipe técnica nos disponibilizou os dados quantitativos de toda a movimentação do metrô para o período de janeiro de 2013 a julho de 2014. Além disso, nos foi gentilmente cedido o material da ação educativa e demais materiais didáticos e pedagógicos produzidos pela empresa.

⁸ Ver a lista de todas as ocupações existentes no Brasil em www.mte.gov.br/

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BLOCH, Marc. Apologia da história ou O ofício de historiador: Rio de Janeiro, Zahar, 2002.

BREFE, Ana Cláudia Fonseca. O Museu Paulista. Affonso de Taunay e a memória nacional. 1917-1945. São Paulo: Editora UNESP, 2005. P. 40.

DINIZ, Renata Carla. Museu de Artes e Ofícios – Matéria e Espírito: Dicotomia do Museu Moderno. Belo Horizonte: Monografia apresentada ao Curso de História da Universidade Salgado de Oliveira. 2006.

LIMA, Solange Ferraz de. & CARVALHO, Vânia Carneiro de. Cultura material e coleção em um museu de história: as formas espontâneas de transferência do provado. In: FIGUEIREDO, Betânia Gonçalves (Org.) Museus. Dos gabinetes de Curiosidades à Museologia Moderna. Belo Horizonte: Argumentvm; Brasília: CNPq, 2005.

MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. Do Teatro da memória ao Laboratório da História: a ex-

posição museológica e o conhecimento histórico. In: Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material. São Paulo. Nova. Série. v. 2., jan/dez. 1994.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Projeto História, Revista do Programa de Estudos Pós-graduados em História e do Departamento de História da PUC/SP. São Paulo/SP, 1993.

POULOT, Dominique. Museu e Museologia. (Tradução: Guilherme João de Freitas Teixeira). Belo Horizonte: Autentica Editora, 2013.

SEMINÁRIO DE CAPACITAÇÃO MUSEOLÓGICA. Programa Museológico: princípios e metodologia de trabalho. Conceito museológico e salvaguarda patrimonial. Programas de Comunicação, educação e avaliação. Belo Horizonte: Instituto Cultural Flávio Gutierrez, 2004.

SANTOS, Miriam Sepúlveda dos Santos. A escrita do passado em museus históricos. Rio de Janeiro: Garamond, Minc, IPHAN, DEMU, 2006.

